

Episódios inesquecíveis

Arquivo/CB/D.A.Press - 28/8/77



Silvio Hollembach: o sargento ficou três dias internado no HFA e não resistiu à infecção generalizada

Ed Alves/CB/D.A.Press



Foto registra acidente que envolveu Oscar Niemeyer: arquiteto foi inocentado porque ciclista estava na contramão e sob efeito de álcool

Carlos Moura/CB/D.A.Press - 22/6/04



Acidente de trânsito envolvendo Oscar Niemeyer e a dramática morte do sargento Hollembach estão documentados nos arquivos em exposição no **TJDFT**

Quando ainda se podia contar nos dedos o número de carros que circulavam pelas largas avenidas de Brasília, o arquiteto Oscar Niemeyer se envolveu em um acidente de trânsito fatal. O homem que tinha medo de voar, e ainda assim rodou o mundo para dar forma aos traços de sua arquitetura moderna,

atropelou e matou um ciclista na W3 Sul, em 1965. Inicialmente, o inquérito policial apontou imprudência do motorista, que dirigia "em velocidade inadequada". Niemeyer também se feriu no acidente, mas sem gravidade.

Dezesseis anos após ser inaugurada, Brasília teve seu primeiro grande herói. Em 1977, a bravura de um homem comoveu Brasília e o mundo. O 2º sargento do Exército Silvio Delmar Hollembach morreu após pular no foço das ariranhas para salvar um menino de 14 anos de ser devorado pelos bichos. Depois disso, o zoológico adotou o nome do sargento como uma homenagem ao seu ato. Em poucas linhas, tanto o juiz quanto o promotor que atuaram no processo destacaram o heroísmo de Hollembach.

O arquiteto e o ciclista na W3 Sul

Na noite de 22 de março de 1965, a W3 Sul estava praticamente deserta. A bordo do Fusca azul tipo sedan, placa GB 3 -15-51, ano 1964, estava o arquiteto Oscar Niemeyer, então professor da Universidade de Brasília e funcionário da prefeitura da cidade. Por volta das 23h30, em frente à Casa dos Municípios, na quadra 12 - atual 512 Sul - Niemeyer atropelou um ciclista que trafegava na contramão da via.

Na denúncia feita à Justiça, o Ministério Público atribuiu ao arquiteto a responsabilidade pelo acidente. "O fato - ao que se deduz dos elementos coligidos no inquérito - resultou de culpa do acusado, que, rodando em velocidade inadequada, muito próximo à traseira de um "Simca" e certamente desatento, não percebeu a aproximação irregular da vítima que, em seu veículo, vinha em sentido contrário, na contramão de direção, mas junto ao meio fio da calçada central".

A velocidade inadequada a que se referiu o MP e que foi comprovada em perícia era de cerca de 50km/h - 10 km/h a mais do que o próprio Niemeyer declarou à polícia. Em depoimento, o arquiteto contou que o Simca desviou para a direita e, só então, ele viu José Chagas Gomes, 36 anos, servente da Cisbrasa, Engenharia Ltda.

Vítima embriagada

A vítima trafegava na contramão da via com o farol da bicicleta apagado e, conforme informou Niemeyer, não houve tempo de desviar. As fotos em preto e branco anexadas ao processo mostram uma W3 deserta e o

Fusca - registrado em nome da então mulher do arquiteto, Annita Niemeyer Soares -, com o pára-brisas quebrado e parte da lateral esquerda danificada. No asfalto, próximo ao meio fio, uma bicicleta retorcida. Niemeyer seguia sentido a Estação Rodoviária, ou, nos dias atuais, Rodoviária do Plano Piloto.

Segundo consta no processo, amigos do arquiteto estiveram no local e souberam por terceiros que a vítima estava alcoolizada. O arquiteto que, desde o princípio alegava não ter tipo culpa no acidente, insistiu para que fosse apurado se era verdade o que diziam os populares. E o fato se comprovou por meio de depoimentos e de um ofício assinado pelo doutor Correntino Paranaguá, então diretor da Fundação Hospital do Distrito Federal, 1º Hospital Distrital de Brasília, ou, simplesmente, Hospital de Base.

A pedido da Justiça, Correntino Paranaguá detalhou que José Chagas deu entrada na unidade de saúde com "fratura exposta no úmero, radio e fêmur esquerdo. Em estado comatoso profundo e hálito etílico constatado pela equipe de médicos que o atendeu". O documento traz ainda a lista de médicos que atenderam a vítima, e entre eles, um se destaca. O traumato-ortopedista Aloysio Campos da Paz Júnior, que anos mais tarde fundaria a rede Sarah de Hospitais de Reabilitação.

Quatro anos após o acidente, Niemeyer foi absolvido. O laudo do local de acidente apontou que ele não teve responsabilidade sobre o ocorrido. "(.) apontam os peritos, como causa determinante do acidente em pauta, o comportamento do ciclista, ao conduzir o seu veículo na sua contra mão de direção, em uma via de mão única, onde não é esperado, portanto, qualquer veículo em sentido contrário". Em 5 de agosto de 1969, o juiz Sebastião Corrêa, o último a atuar no processo, manda arquivar o caso por considerar o arquiteto inocente.

O herói que deu nome ao zoo

Em agosto de 1977, os Hollembach perderam um pai de família e Brasília ganhou um herói. A história do homem que pulou no fosso das ariranhas do zoológico da capital para impedir que um garoto fosse devorado pelos bichos ganhou repercussão internacional. E está registrada também pela Justiça local. Tanto no despacho do Ministério Público quanto na decisão do juiz que atuou no caso, há palavras de admiração pelo gesto do sargento Silvio Delmar Hollembach pai de quatro filhos, a época com idades entre 1 ano e 7 anos.

O processo que apurou as causas da tragédias tramitou por 10 anos. Em 1989, o promotor de Justiça Carlos Gomes pediu o arquivamento do caso. "Cuida o

presente inquérito da elucidação da morte heróica do sargento Silvio Delmar Hollembach (.). E explica o motivo de pedir o arquivamento. "Concluído o inquérito verifica-se a não ocorrência de circunstâncias dolosa ou culposa por parte de terceiros."

O desembargador **Otávio Augusto Barbosa**, então juiz da 4ª Vara Criminal de Brasília, sentenciou o caso. Escrita à mão e em poucas linhas, o desembargador resume o sentimento geral da população ao escrever sua decisão. "A morte do sargento Silvio Delmar Hollembach, decorrente de um ato de bravura e heroísmo foi lamentada por toda Brasília. Arquive-se os autos."

Até chegar a essa conclusão, passaram-se 10 anos. A polícia ouviu funcionários do zoológico, e o pai de Adilson Florência da Costa, 13, o menino que o sargento Hollembach salvou da morte. Em duas oportunidades, a polícia requisitou que os pais levassem o garoto para ser ouvido. Nas duas, a família pediu para o delegado dispensá-lo do depoimento pois estava muito traumatizado.

Um dos depoimentos mais contundentes do inquérito é do de Joel da Mata oliveira. No dia do acidente ele estava de plantão e respondia pela direção do zoo. Ao ser interrogado, ele descreve as cenas de terror vividas por ele. Disse que ao chegar no recinto, "deparou-se com uns oito ou nome animais atacando violentamente a um cidadão que já se encontrava inteiramente dominado". Vendo a situação, ele diz ter pulado no fosso, e, com os pés, tentava afastar os bichos do homem que já estava caído na água. Num determinado momento, alguém lhe jogou um vara, com a qual ele conseguiu afastar por inteiro as feras. Só então, conseguiu retirar a vítima e levá-la ao hospital.

O sargento Hollembach ficou morreu três dias depois, de infecção generalizada. Logo após o fato, a viúva do sargento, Eni Terezinha, então com 33 anos, voltou para o Sul com os quatro filhos. Pelo menos dois deles voltaram a viver em Brasília. O menino que Hollembach salvou das ariranhas nunca falou sobre o caso.

Para saber mais

Tribunal goiano

Durante a construção de Brasília, o Governo Federal e do Estado de Goiás assinaram um acordo por meio do qual caberia a Goiás, prestar o atendimento jurisdicional no território do DF até que Brasília fosse inaugurada. Na época, o desembargador Lúcio Batista Arantes(foto) era o juiz da cidade e passou a ser dele a responsabilidade por julgar os processos e até fazer

os casamentos da nova capital. Em 1960, o magistrado pediu transferência para o **TJDFT** e foi nomeado juiz substituto. Aqui, chegou a ocupar a presidência do Tribunal e se aposentou como desembargador. Ele morreu em fevereiro de 2009.